



BLOGS |

Com urubucaá não tem urucubaca

Liana John - 28/05/2015 às 12:45



Urucubaca, como se sabe, é um azar dos grandes, daqueles que envolvem doenças e acidentes em série. Já **urubucaá** é o nome tupi de algumas espécies de trepadeiras do gênero *Aristolochia*, nativas das matas brasileiras, sul americanas

e centro-americanas. O significado do nome é “planta de urubu”, provavelmente por causa do aspecto do fruto, semelhante ao pescoço pelado e enrugado do urubu. Ou parecido com um **papo-de-peru**, se considerarmos a interpretação caipira. Ou ainda com as “partes” masculinas, no entendimento de quem a chama de **capa-homem** ou **cipó-mil-homens**.

Seja qual for a ave ou a parte do corpo assemelhada, o fato é que diversas espécies de *Aristolochia* gozam de boa reputação popular contra muita coisa ruim, de **picadas de serpentes** e **infecções** a problemas de tireoide, baço, fígado e testículos.

No Sul, há quem tome chá da planta ou inclua folhas no chimarrão e, em Sergipe, muita gente faz infusão na cachaça. Definitivamente, não é uma boa ideia, devido à toxicidade de uma substância chamada **ácido aristolóquico**, presente em todas as espécies desse gênero de planta. Esse ácido, de cheiro forte e sabor amargo, é capaz de **paralisar os rins** e **acumula no fígado**, causando grande dano.

Já os emplastros de uso externo, feitos com a planta macerada e argila, podem se revelar eficazes como **antissépticos** e na **cicatrização de ulcerações crônicas**, assim como alguns componentes isolados a partir de extratos de base alcoólica servem para usos tópicos bem específicos.

A pesquisadora panamenha **Isela González Rodríguez** estudou os **efeitos antiofídicos** de *Aristolochia sprucei*, em seu mestrado em Ciências Farmacêuticas, realizado na Universidade de São Paulo (**USP**), em **Ribeirão Preto** (SP). Ela chegou a testar vários compostos, isolados das folhas e do caule, contra os diferentes efeitos das peçonhas de uma serpente do Panamá (*Bothrops asper*) e da nossa **jararacuçu** (*Bothrops jararacussu*). E constatou potencial para a **inibição de edemas e hemorragias** e para a neutralização das **miotoxinas**, que levam à **necrose dos músculos**.

“Os ensaios foram feitos com os componentes isolados, separadamente”, conta Isela. “Seria necessário dar continuidade à pesquisa para saber de que maneira e em que dosagens os extratos e os compostos isolados poderiam ser utilizados. Lembrando que eles não substituem, mas seriam suplementos do soro antiofídico, para aumentar a eficácia no **tratamento dos efeitos tóxicos locais** da peçonha das serpentes”. Um dos componentes mais promissores foi justamente o ácido aristolóquico, capaz de neutralizar as miotoxinas, em uso tópico (no local da picada).

A realização dos testes contou com recursos de institutos de pesquisa do **Panamá** e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (**Fapesp**). Em seu doutorado, porém, Isela Rodríguez mudou de ramo e passou a estudar Toxicologia Social. A pesquisa sobre os efeitos antiofídicos de *Aristolochia*, portanto, devem prosseguir “sob nova direção”.

Na Universidade Federal do Rio de Janeiro (**UFRJ**), o microbiologista **Davi Oliveira e Silva** também estudou uma planta do mesmo gênero, originária de Sergipe: *Aristolochia cymbifera*. Ele trabalhou no fracionamento dos extratos etanólicos (à base de álcool) da planta, em seu mestrado, sob orientação de **Celuta Sales Alviano** e co-orientação de **Daniela**

Sales Alviano e Maria Auxiliadora Kaplan. O pesquisador observou atividades antibacterianas, antifúngicas e antivirais. “Trabalhei apenas na primeira fase, pré-clínica *in vitro*, de um tipo de pesquisa de longa duração, que ainda deve se prolongar por alguns anos”, ressalva Davi. Mesmo assim, as descobertas foram significativas e devem motivar novos estudos.

A **atividade antibacteriana**, por exemplo, ocorre frente a *Staphylococcus aureus* resistente à metilina (MRSA) e *Streptococcus mutans*. A primeira é uma dessas **superbactérias multiresistentes**, causadoras de **infecções hospitalares**. Um relatório realizado em Oxford, na Inglaterra, apontou a morte de 34% dos pacientes infectados por ela, até 30 dias após a infecção. A segunda é uma bactéria comum na boca, associada às **cáries dentárias**, sobretudo quando há queda de imunidade ou desequilíbrio microbiológico no ambiente bucal.

As **ações antifúngicas** se devem a uma substância chamada **espatulenol**, encontrada na planta. Em doses moderadas, o espatulenol é **microbioestático**, ou seja, inibe o crescimento dos fungos filamentosos *Fonsecaea pedrosoi*, causador de um tipo de **micose de pele** bem persistente comum em zonas rurais, na pele de quem trabalha com o solo, e *Trichophyton rubrum*, o vilão do **pé-de-atleta**. Em doses maiores, a mesma substância é **microbiocida**: mata os tais fungos filamentosos. Essa atividade foi obtida com uma fração do extrato da planta que já não continha o ácido aristolóquico.

E, finalmente, o **efeito antiviral** é contra o **Herpes Simples do tipo 1** (HSV1), um vírus que caminha pelas terminações nervosas e se manifesta como bolhas e feridas doloridas, sobretudo na boca e nos genitais. Os testes com o Herpes tipo 2 também foram feitos, mas não mostraram atividade. “Mesmo assim, a atividade observada é importante, pois pode nos dar uma opção ao único medicamento de uso tópico contra essas bolhas e feridas, sendo que já existem cepas do vírus HSV1 resistentes ao princípio ativo”, acrescenta o microbiologista, apostando num fitoterápico para esta finalidade.

A pesquisa de Davi Oliveira e Silva foi financiada com uma bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (**CNPq**) e o laboratório da UFRJ onde ele trabalhou conta com recursos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (**Capes**), da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (**Faperj**) e da **Finep – Inovação e Pesquisa**.

Em todos os casos, ainda é preciso avaliar a **toxicidade dos componentes** da planta e a **dosagem efetiva e segura** a ser recomendada, o que demora ainda uns bons anos. Mas não há dúvida do imenso potencial do tal urubuacá contra todas essas urucubacas.

Foto: Liana John (fruto de uma planta do gênero Aristolochia da Mata Atlântica de Sudeste)

[ver este post](#)

[comente](#)

Comentários

01/06/2015 às 14:37

Rudimar Cipriani - diz:

Achei muito interessante este post. Parabéns, Liana.

Deixe aqui seu comentário:

Preencha os campos abaixo para comentar, solicitar ou acrescentar informações. Participe!

Seu nome:

Seu e-mail:

Enviar

Biodiversa



LIANA JOHN



é jornalista ambiental. Escreve sobre conservação, mudanças climáticas, ciência e uso racional de recursos naturais há quase 30 anos, nas principais revistas e jornais do país. Ao somar entrevistas e observações, constatou o quanto somos todos dependentes da biodiversidade. Mesmo o mais urbano dos habitantes das grandes metrópoles tem alguma espécie nativa em sua rotina diária, seja como fonte de alimento ou bem-estar, seja como inspiração ou base para novas tecnologias. É disso que trata esse blog: de como a biodiversidade entra na sua vida. E como suas opções, eventualmente, protegem a biodiversidade.

Arquivos de posts

2010 | 2011 | 2012 | 2013 | 2014 | **2015**

MAY 2015 - (3)

APRIL 2015 - (2)

MARCH 2015 - (3)

FEBRUARY 2015 - (4)

JANUARY 2015 - (4)

Nuvem de tags

Amazônia anti-inflamatório antioxidante araras açaí bactérias biodegradável biodiesel **biodiversidade** biodiversidade brasileira biologia biomimética Caatinga cana-de-açúcar **Cerrado** clima cochonilha controle biológico COP19 corais cosméticos **Embrapa** emissões emissões de carbono espinhas do rosto Fapesp fungos inhabitat **insetos** Instituto Arara Azul joaninha lixo mandacaru mandioca mel microalgas mudanças climáticas parasitas praga preguiça Protocolo de Kyoto queijo mineiro reciclagem semiárido Serra da Canastra sertão nordestino Terroir **tratamento de água** vinhaça água

Outros Blogs

 [A HUMANIDADE CONTRA AS CORDAS](#)

 [AGRISUSTENTA](#)

 [BICHOS DO PANTANAL](#)

 [BIOGÁS: A ENERGIA INVISÍVEL](#)

 [BLOG DA REDAÇÃO](#)

 **BLOG DO CLIMA**

 **MUITO ALÉM DA ECONOMIA VERDE**

 **PARCEIROS DO PLANETA**

 **PLANETA ÁGUA**

 **SEMANA ABRIL DE JORNALISMO
AMBIENTAL**

 **CORPORAÇÃO 2020**

 **NA GARUPA**

 **PLANETA URGENTE**

 **PROSPERIDADE SEM CRESCIMENTO**

 **SUSTENTÁVEL NA PRÁTICA**

 **GAIATOS E GAIANOS**

 **O DIVERGENTE POSITIVO**

 **PLANETA EM AÇÃO**

 **QUANDO NEGÓCIOS NÃO SÃO
APENAS NEGÓCIOS**

 **URBANIDADES**

Patroínio



Siga o Planeta

